



PERIÓDICUS

ISSN: 2358-0844

n. 17, v. 1

jan.2022-jun.2022

p. 176-188

# Respeito, mas... episódio de radiodifusão do preconceito à diversidade sexual por meio do humor: desconstrução de um argumento LGBTfóbico velado

*(Respect but... an episode of the broadcasting of prejudice against sexual diversity through humor:  
deconstruction of a hidden LGBTphobic argument)*

*(Respeto, pero... episodio de radiodifusión de prejuicios contra la diversidad sexual a través del humor:  
Deconstrucción de un argumento LGBTfóbico velado)*

Kleber Santos Chaves<sup>1</sup>

**RESUMO:** Este ensaio tem origem na audição de uma fala LGBTfóbica difundida por um programa de uma emissora de rádio em Livramento de Nossa Senhora, no interior baiano. Neste texto, cujo objetivo apriorístico foi advertir, pela via da instrução, os difusores do episódio de preconceito, resgato o histórico de implementação e regulamentação do rádio e seus princípios no Brasil. Além disso, apresento levantamentos estatísticos que indicam a audiência que tal veículo alcança no país mesmo em nossos dias, enfatizando o impacto que as informações radiodifundidas têm nas cidades interioranas. Esta metodologia objetivou introduzir o processo de análise, caracterização e desconstrução da fala do locutor da emissora, permitindo-me classificar o episódio como um de caráter LGBTfóbico, ainda que velado e disfarçado pelo recurso do humor. Sustenta, teoricamente, o cerne dos processos analíticos uma revisão de literatura com variados autores que discutem preconceito, LGBTfobia e o emprego do humor como instrumento de discriminação.

**PALAVRAS-CHAVE:** Radiodifusão do preconceito. LGBTfobia velada. Humor.

**Abstract:** The present essay originates from the hearing of a speech LGBTphobic disseminated by a program of a radio station in Livramento de Nossa Senhora, in the interior of Bahia. In the text, whose aprioristic objective was to warn by instruction the diffusers of the episode of prejudice, I rescue the history of implementation and regulation of the radio and its principles in Brazil. In addition, I present statistical surveys that indicate the audience that the vehicle reaches in the country even in our days, emphasizing the impact that the broadcast information has on the interior cities. These actions aimed to introduce the process of analysis, characterization and deconstruction of the speech of the broadcaster's speaker. This methodology allowed me to classify the episode as an LGBTfóbico character, although veiled and disguised by the

<sup>1</sup> Mestre e doutorando em Ensino pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Professor de Filosofia da rede de Educação básica do Estado da Bahia (SEC/BA). E-mail: kleber.ksc2@gmail.com



humor feature. They theoretically support the core of analytical processes a literature review in various authors who discuss prejudice, LGBTphobia, and the use of humor as an instrument of discrimination.

**Keywords:** Broadcasting of prejudice. Veiled LGBTphobia. Humor.

**Resumen:** El presente ensayo tiene su origen en la audiencia de un discurso LGBTfóbico difundido por un programa de una emisora de radio en Livramento de Nossa Senhora, en el interior de Bahía. En el texto, cuyo objetivo apriorístico era advertir por instrucción a los difusores del episodio de prejuicio, rescato la historia de implementación y regulación de la radio y sus principios en Brasil. Además, presento encuestas estadísticas que indican la audiencia a la que llega el vehículo en el país incluso en nuestros días, haciendo hincapié en el impacto que la información de emisión tiene en las ciudades interiores. Estas acciones tenían por objeto introducir el proceso de análisis, caracterización y deconstrucción del discurso del orador del organismo de radiodifusión. Esta metodología me permitió clasificar el episodio como un personaje de LGBTfóbico, aunque velado y disfrazado por la función de humor. Teóricamente apoyan el núcleo de los procesos analíticos una revisión de la literatura en varios autores que discuten los prejuicios, la LGBTfobia, y el uso del humor como un instrumento de discriminación.

**Palabras clave:** Radiodifusión de prejuicios. LGBTfobia velada. Humor.

## 1 Introdução

Este ensaio nasce da experiência com um episódio de LGBTfobia absolutamente gratuito – semelhante a todos do tipo – em um programa de rádio veiculado ao meio-dia em uma pequena cidade do interior baiano. Nele, dois locutores envoltos em tom de humor e chacota traçaram uma argumentação marcadamente preconceituosa, ainda que resguardada sob o véu dos implícitos que o recurso humorístico possibilitou.

Diante desse fato e pela experiência de estar em uma cidade em que a mentalidade popular parece demasiadamente naturalizar acontecimentos como esse, de tal forma que não semelhe em nenhuma instância ofensivo, decidi agir e me posicionar buscando tornar este fato particular objeto de uma análise ainda incipiente, mas que já sinaliza quão urgente são ações de desnaturalizações de uma mentalidade “fechada”, quase dogmática, que não entende a diferença/diversidade como uma possibilidade equivalente de ser no mundo.

Por isso, empreendi uma pesquisa exploratória pela qual pude levantar uma bibliografia profícua que sustentou minha argumentação. Entendi que seria válido levar adiante tanto o episódio quanto as sínteses de cunho teórico que pude realizar, uma vez que fatos semelhantes ocorrem em outras cidades e a maioria, possivelmente, tende a passar ilesa de uma análise que provoque uma reflexão. A expectativa é de que essa reflexão enseje em algo, quem sabe objetos/ações que precipitem movimentos de mudança de mentalidade por via da instrução ou, ainda, correções por outros meios, como processos jurídicos, uma vez que a homofobia já se encontra tipificada como crime equivalente ao racismo. (SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL, 2014).

Entendi que a melhor ação, na oportunidade, passava por um exercício (muito difícil) de paciência. Este exercício foi recentemente caracterizado por Gregório Duvivier (GREG NEWS, 2020), em um episódio da série *Greg News*. O apresentador, em outro contexto, sugere alguma



paciência no trato com pessoas de mentalidade “fechada”, o que pareceu ser uma característica dos envolvidos em nosso caso particular.

Por isso, escolhendo o caminho da instrução, enviei uma versão deste texto à rádio como manifesto de repreensão ao episódio, advertindo os envolvidos e responsáveis pelo veículo sobre a gravidade dos fatos e oferecendo, pelo próprio texto, material para que os envolvidos tomassem ciência do teor de suas falas. Quis possibilitar o entendimento de que muitas e muitos ouvintes riram com os locutores, possivelmente sem se darem conta do que de fato ocorria: uma circunstância de propagação de preconceito LGBT que vitimou muitas pessoas que já experimentam severas ofensas por movimentos semelhantes de incompreensão/discriminação.

Adiante, voltei ao texto e, percebendo que ele tinha afinidade estrutural com um ensaio acadêmico, fiz as adaptações necessárias para torná-lo de fato um. Assim, começo caracterizando o rádio, lembrando sua origem e os princípios com os quais chegou ao Brasil. Sustento que, apesar do avanço de outros veículos e mídias de comunicação, o rádio se afigura como um relevante propagador de informações, sobremaneira nas cidades interioranas.

A seguir, delimito e traço o contexto específico do episódio, construindo uma projeção de amplitude para medir o alcance que a fala pode ter atingido ao ser emitida em um programa de rádio da cidade de Livramento de Nossa Senhora, na Bahia.

Finalmente, desdubro o argumento discriminatório dos locutores, fazendo um processo simbiótico de desconstrução e caracterização que me permitiram afirmar o fato como preconceito, em primeira instância, e um episódio de LGBTfobia, especificamente, em um segundo momento.

Concluo o texto aberto às críticas que minha iniciativa pode precipitar daqueles que entendem a ação como demasiadamente conciliatória. Ao mesmo tempo, apresento a necessidade de oferecer diretamente algum tipo de subsídio para as pessoas que têm dificuldade – ou resistência – em entender outras configurações de identidade e sexualidade humanas como equivalentes àquelas afirmadas como naturais.

## **2 Contexto, amplitude e pressupostos da fala: o rádio nas cidades do interior**

À primeira vista, pode parecer que uma análise como a que ora proponho, assim como o rádio, não encontra em nosso tempo ultramoderno relevância social. Essa impressão pode ser mais acentuada conforme aumenta o tamanho da cidade, o acesso a recursos e, possivelmente, a instrução de quem lê, haja vista os diversos e extremamente velozes meios de difusão de informações com os quais lidamos no dia a dia. Pode agravar essa impressão a ocorrência de



vários outros episódios recentes<sup>2</sup> em que ações gravemente violentas e diretamente preconceituosas se disseminaram via internet.

Pondo em suspeita tais impressões, proponho um recuo à história do rádio e aos princípios pelos quais foi pensando em sua chegada ao Brasil, nos anos de 1920, e na sua regulamentação, na década de 1960, como também a estudos que vão em duas frentes: 1. apresentar a ampla audiência que o rádio alcança, mesmo em nossos dias; 2. demonstrar a centralidade que o veículo possui em cidades pequenas.

Nesse sentido, é válido partir dos estudos da pesquisadora Lia Calabre, registrados em sua tese/livro *A era do rádio*. Calabre (2002) lembra que o grupo de intelectuais responsável por implementar o veículo no Brasil guardava a esperança de que a novidade pudesse “elevar o nível cultural do país”. (CALABRE, 2002, p. 21) Ela relata que tais intelectuais ficaram frustrados ao perceberem que, para cair no gosto popular, as programações deveriam deixar de ser eruditas, compostas de palestras e afins, e se tornarem cada vez mais musicais e espontâneas, o que seria uma subversão do plano inicial.

Entretanto, vale o destaque de que a preocupação inicial de que o rádio servisse à instrução popular desembocou na legislação que regulamenta o veículo difusor de informações desde a década de 1960:

Art. 3º Os serviços de radiodifusão **têm finalidade educativa e cultural, mesmo em seus aspectos informativo e recreativo**, e são considerados de interesse nacional, sendo permitida, apenas, a exploração comercial dos mesmos, na medida em que não prejudique esse interesse e aquela finalidade. (BRASIL, 1963, grifo nosso)

Dessa maneira, entendo que qualquer conteúdo difundido pelas emissoras de rádio precisa guardar relação com a finalidade educativa para a população, de tal sorte que os envolvidos com a administração, programação e apresentação radiofônica não podem ignorar essa sua responsabilidade ética também como uma imposição legal.

Certamente, tais preocupações se justificam pelo crescente alcance de público que o rádio alcançou desde a sua inauguração. Hoje em dia, mesmo com inúmeros concorrentes modernos e interativos, os levantamentos feitos pelo *Kantar IBOPE* e divulgados pela Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão (Abert, 2019) e pela Associação Catarinense de Emissoras de Rádio e Televisão (Acaert, 2015) demonstram que o rádio continua atingindo a maioria da população brasileira.

---

<sup>2</sup> Para ficar em exemplos de grande repercussão, apenas em setembro de 2020, elenco a culpabilização de homens gays pela Aids pela pastora Ana Paula Valadão (VEJA SÃO PAULO, 2020), a homofobia contra um homem que usou um short curto, (ALMIRANTE, 2020), a associação, pelo Ministro da Educação, do homossexualismo a famílias desajustadas (PODER360, 2020) e o ataque a um casal gay dentro de pet shop. (O DIA, 2020)



Destaques dos estudos mencionados mostram que “nove em cada 10 adultos conectados escutam rádio off-line”. (Abert, 2019, p. 25) Além dessa amplitude, o rádio é um veículo que desperta grande confiança em seu público. Ainda segundo a Abert (2009, p. 25): “[...] 64% percebem que a maioria das notícias consumidas no rádio é verdadeira” e “[...] mais da metade dos ouvintes brasileiros ligam o rádio porque querem se informar”.

Considerando que os levantamentos foram realizados em grandes centros urbanos, em que a concorrência entre emissoras de rádio é enorme, verificou-se que muito maior é a disputa do rádio com outras atrações – TV e internet, principalmente – e possibilidades – museus, feiras, exposições, shoppings, eventos etc. Imaginem, então, o impacto radiofônico em pequenas cidades dos interiores, onde essa concorrência é bastante menor.

Mais do que isso, as cidades interioranas são lugares em que o rádio tem um forte vínculo, próximo de afetivo, com muitos ouvintes. Pesquisando sobre essa relação entre rádio e interior, a jornalista Samyra Olivera (2008) recorda que, nas pequenas cidades,

[...] ligar o rádio logo cedo não vai trazer as notícias do trânsito ou das oscilações da Bolsa de Valores, mas a **saudação calorosa do locutor**, sempre simpático e receptível, seguida de uma boa música sertaneja e recados dos conterrâneos. Essa é uma realidade que se choca violentamente com o ritmo de vida imposto ao homem moderno. Difícil, nesse contexto, é promover uma comunicação eficaz que alcance a diversidade de públicos, bem como suas necessidades. O rádio cumpre com excelência esse papel. **Apresenta o mundo a pessoas carentes de informação**, faz companhia aos solitários, informa, entretém, **forma opiniões**, media conflitos, aproxima as pessoas e encurta distâncias. (OLIVERA, 2008, p. 26, grifo nosso)

Entendendo que a essa altura a impressão inicial de que o rádio não tem relevância possa ter diminuído, gostaria de caracterizar o contexto específico em que o episódio, alvo da análise, ocorreu. A emissora de rádio que veiculou os argumentos que caracterizo como preconceituosos está sediada em Livramento de Nossa Senhora, no sudoeste do estado da Bahia, entre o Sertão-Produtivo e a Chapada Diamantina. Segundo o IBGE ([2021]), a população de Livramento de Nossa Senhora beira os 50 mil habitantes.

Contudo, a emissora não está restrita a este município. Considerando informações empíricas<sup>3</sup> que coletei, é possível apontar que ela chega a, aproximadamente, 200 mil pessoas. Entretanto, na busca de precisar um pouco melhor o alvo que a mensagem de preconceito pode ter atingido, fiz uma projeção das estatísticas levantadas em 2014 pelo *Kantar IBOPE* e divulgados, posteriormente, pela Acaert (2015). Segundo o levantamento, 88% das pessoas na

---

<sup>3</sup> Em contato com o setor comercial da empresa, obtive a informação de que o sinal da rádio alcança 20 cidades na região. Depois, buscando confirmar a informação, contatei ao menos três pessoas (contatos pessoais) das cidades vizinhas a Livramento (BA) para confirmar se elas conseguiam captar o sinal da emissora por um aparelho comum de rádio. Tendo retorno positivo, elaborei a Tabela 1.



região metropolitana de Salvador ouvem rádio. Dessas, 65% buscam notícias/prestação de serviços e a mesma porcentagem escuta a programação em aparelhos de rádio.

Considerando a hipótese de que no interior da Bahia existe um comportamento semelhante ao encontrado na capital e, ainda, supondo que apenas a metade da população que ouve rádio – apenas em aparelhos de rádio – estivesse escutando a programação no dia da fala, uma suposição bastante conservadora, chegamos ao universo de mais de 50 mil pessoas. A Tabela 1 ilustra esse exercício de aproximação.

Tabela 1 – Estimativa de alcance populacional da rádio, programa e conteúdo em análise

CIDADE/DADOS	População	88%	65% dos 88%	50% dos 65%
Livramento (sede da rádio)	46.062	40.535	26.347	13.174
Brumado	67.335	59.255	38.516	19.258
Dom Basílio	12.240	10.771	7.001	3.501
Érico Cardoso	10.560	9.293	6.040	3.020
Lagoa Real	15.770	13.878	9.020	4.510
Rio de Contas	12.932	11.380	7.397	3.699
Paramirim	21.695	19.092	12.410	6.205
<b>TOTAL</b>	<b>186.594</b>	<b>164.203</b>	<b>106.731</b>	<b>53.367</b>

Fonte: Elaboração própria (2020)

Agrava este cenário, adjunto ao número de pessoas, o entendimento de que “[...] a comunicação radiofônica, por vezes, adapta-se à linguagem de uma determinada região com o intuito de promover uma perfeita assimilação do discurso por parte dos ouvintes”. (OLIVERA, 2008, p. 27) Ou seja, os locutores, ao argumentarem, estavam seguros de que os ouvintes assimilariam a fala justamente porque, em tese, a população pensa da mesma forma enunciada.

Chegando a esta constatação, percebi que não podia, uma vez que dirijo radicalmente dessa posição, aceitar passivamente o episódio. O que, além de tudo, deixaria a “porta aberta” para futuros eventos semelhantes. Isso porque não se pode perder de vista que

[...] o rádio atua como uma espécie de multiplicador, já que acelera o processo de informar toda a população. Além disso, o veículo utilizado como fonte de informação caracteriza-se, também, não só como uma boa companhia para quem escuta, como ainda ajuda a solucionar problemas ou até mesmo sanar dúvidas de ouvintes que necessitam de um auxílio. (OLIVERA, 2008, p. 29)

Assim, o meu movimento analítico e instrutivo visou subsidiar as pessoas responsáveis por levar tão velozmente as informações à população local. Se o rádio, como assevera Olivera (2008), é uma boa companhia e tem a capacidade de solucionar problemas e dúvidas, pensei ser pertinente apresentar uma outra perspectiva da realidade aos envolvidos para que eles, pelo



menos, não promovam episódios nem difundam argumentos no veículo de rádio como os que desconstruo a seguir.

### 3 Episódio e argumento: análise, caracterização e desconstrução

Por volta de meio-dia de uma sexta-feira de setembro de 2020, em um dos programas de uma emissora de rádio em Livramento de Nossa Senhora, que se enquadra dentre aqueles que a população escuta no intento de se informar, dois locutores travaram um diálogo envolto em um ‘disfarçado tom humorístico’ e fizeram afirmações que giraram em torno do seguinte argumento:

— **Respeito quem é...** Respeito a opção de cada um... **Mas**, não aceito quando isso é **modismo** (...). Ao que seguiram comentando o caso da cantora baiana Daniela Mercury, a quem julgaram, no diálogo, não ser homossexual, mas apresentar-se assim por finalidades ligadas à sua carreira<sup>4</sup>.

Partindo da premissa de que os referidos interlocutores, ao tomarem a posição de difusores de conteúdo em um veículo de comunicação que funciona sob concessão pública, por algum acidente na sua formação, ou mesmo na habilitação para se assentarem na posição, desconhecem minimamente questões relativa a gênero e a estudos de gênero e das diversidades sexuais, decidi criar condições para que eles, bem como a administração da rádio e os responsáveis pela programação, não sigam sem acesso a esse tipo de instrução.

A princípio, é necessário retornar ao que chamei de ‘tom humorístico’. No diálogo, fica evidente que esse recurso se dá quando os locutores utilizam – inconscientemente? – o humor como “forma de comunicar algo, mesmo que não explícito, aparando arestas e suavizando críticas e agressões, sob o pretexto de provocar o riso”. (IRIGARAY; SARAIVA; CARRIERI, 2010, p. 891)

A forma implícita de apresentar a sua posição está acentuada na frase “respeito quem é...”. A frase enseja uma pergunta – “é o quê?” –, cuja resposta está dada de maneira implícita pelo tom de humor empregado e que poderia ser traduzido em “é ‘aquilo’ que nem mesmo vale a pena dizer o nome”, “que você sabe o que é”, “‘aquele’ tipo de gente” e assim por diante. A síntese aqui é que, implícita e pelo recurso do humor, há uma diminuição da pessoa ‘sobre quem se fala’ por quem dela fala. No caso específico, a diminuição da pessoa homossexual pelo apresentador em sua sustentação.

Não é difícil presumir que alguém que enuncia uma frase semelhante guarda algum preconceito à figura homossexual, que, “[...] ao contrário dos negros, mulheres, deficientes e

---

<sup>4</sup> Como ficará demonstrado neste texto, o diálogo pode ser classificado como um episódio de LGBTfobia e este escrito é uma forma de desnaturalizá-lo. Em tempo, é possível contrastar a premissa da vida pessoal da cantora Daniela Mercury ouvindo/lendo a própria em <https://bit.ly/3vZ8Ap4> e <https://bit.ly/3FFYInh>.



obesos, discriminados e estigmatizados pelas suas características físicas e mentais, os gays o são pela percepção social de um **desvio de conduta moral**” (IRIGARAY; SARAIVA; CARRIERI, 2010, p. 894, grifo nosso)<sup>5</sup>. Essa evidência se acentua ainda mais quando, após esse dito, são levantadas pelo locutor questões como ‘opção’ e ‘modismo’.

Antes de adentrar nesse aspecto, penso ser válido apresentar uma nuance do contexto em que alguém chega ao ponto de interpretar a homossexualidade como um “desvio de conduta moral”. Tal contexto encontra vastíssimo respaldo na literatura acadêmica e nos leva a perceber que pessoas que enunciam frases como as mencionadas anteriormente e atribuídas ao apresentador, partem de uma perspectiva heteronormativa da realidade. Por isso, cabe explicar que heteronormatividade consiste em

[...] práticas e instituições localizadas que **legitimam e privilegiam a heterossexualidade e heterossexuais como sendo naturais e fundamentais** (COHEN, 1997), ou seja, como sendo **o normal** dentro da sociedade. Assim, a heteronormatividade estabelece que expressões de gênero e sexualidade são consideradas normais e quais não o são, constituindo não somente os heterossexuais, mas também os próprios **homossexuais como sujeitos anormais e falhos** (LEE; LEARMONTH; HARDING, 2008; WARNER 1993), pois para que heterossexuais possam adquirir inteligibilidade é necessário que sejam comparados e ligados a homossexuais, criando uma hierarquia social entre eles, demonstrando que a heteronormatividade regula e controla tanto heterossexuais quanto homossexuais (LEE; LEARMONTH; HARDING, 2008). Assim, os pressupostos heteronormativo estão ligados com a institucionalização da heterossexualidade e também moldam a forma de ser e vir a ser heterossexual, assim como moldam a forma de ser das sexualidades alternativas (JACKSON, 2006). (POMPEU; SOUZA, 2019, p. 649)

Como ficou demonstrado neste excerto de Pompeu e Souza (2019), assentado em muitos outros estudiosos a quem os autores recorreram, a perspectiva de quem entende a homossexualidade como opção ou modismo é aquela em que apenas uma ideia de gênero e sexualidade são aceitas como naturais. Pelo que é possível inferir, para pessoas que pensam assim, qualquer outra manifestação diferente consiste em um desvio “que até se respeita, mas...”. Mas que é preconceituosamente compreendido como alguma anomalia.

Fazendo encaminhamento para à questão da opção e do modismo, é necessário tomar por base o que foi mencionado até aqui: houve um olhar preconceituoso sobre a homossexualidade que foi disfarçado pelo recurso ao humor. Por isso, entendemos que o emprego da expressão “opção”, feita pelo locutor, significa que os homossexuais escolhem sê-lo. Tal palavra, da forma

---

<sup>5</sup> O recurso a este excerto não objetiva diminuir os demais preconceitos citados em detrimento da homofobia como um maior. Ao contrário, todos os preconceitos são repreensíveis e devemos buscar espaço para a discussão de cada um deles, pois a superação de todos é uma utopia que deve nos mover, não nos segregar em ‘maiorias minorizadas’ (SCHWARCZ, 2020) que nós, alvos de preconceitos, temos nos tornado até na luta contra o problema.





como foi proferida, também segundo uma vasta literatura acadêmica<sup>6</sup>, demonstra uma visão rasa ante a complexidade que possui a sexualidade humana.

Existe tanto por parte de estudiosos quanto em documentos governamentais (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2004) a defesa do emprego da expressão “orientação sexual” como uma mais acertada para caracterizar as diversas manifestações de identidade de gênero e suas sexualidades, uma vez que orientação estaria mais ligada a algo próximo ao natural, a uma condição, *a priori*. Contudo, aproveitando o ensejo de alargamento de mentalidade que busco levantar, talvez o uso da expressão “opção” fosse possível desde que o enunciador entendesse que

[...] deve-se admitir que diante do violento trabalho de colonização da sociedade para que todos sejam heterossexuais, a pessoa LGBTQIA ‘afirmar que sua orientação sexual é uma tomada de posição, uma escolha, uma opção identitária ou políticas é ação mais do que apropriada à finalidade política a que se destina’, é a mais perfeita manifestação do direito à livre escolha (SOUSA FILHO, 2013a, p. 10-11). (OLIVEIRA JÚNIOR; MAIO, 2013, p. 9)

Assim, caso o apresentador, ao afirmar “opção sexual”, o fizesse em contexto distinto e seguindo uma ideia como a presente em Oliveira Júnior e Maio (2013), poderíamos considerar sua fala como algo positivo. Todavia, como ele conclui seu raciocínio evocando o modismo, dá a entender que ao pronunciar “opção sexual” ele está mesmo apontando para os homossexuais como pessoas que escolhem se “desviar” de uma “acertada” – única – conduta moral (IRIGARAY; SARAIVA; CARRIERI, 2010), como discorri anteriormente.

Finalmente, o apresentador condena o modismo, o qual diz não aceitar, citando como exemplo daquilo que enuncia a cantora Daniela Mercury, alguém que, não sendo homossexual de fato, apenas utilizou desse “modismo” para angariar vantagens em sua carreira.

Como o locutor, nesse momento, faz uma confusão com “fatos” da vida da cantora, pelo raciocínio que estamos estabelecendo, ele não precisaria chegar a essa afirmação de modismo se entendesse também que

[...] a manifestação da sexualidade é um processo em construção e vivida individualmente, portanto **ela é cambiante** e pode ocorrer por orientação ou por uma pluralidade de opções, escolhas, eleições, predileções e preferências que coincidem com determinados períodos da vivência do erotismo, da sensualidade e do desejo. Ao nos conscientizarmos que essa pluralidade nos caracteriza como sociedade e como indivíduos somos impelidos/as a procurar novas formas de configurar um fator de enriquecimento e de desestabilização de sistemas de representações que hierarquizam termos e identidade(s) como naturais e inevitáveis. (OLIVEIRA JÚNIOR; MAIO, 2013, p. 6, grifo nosso)

---

<sup>6</sup> Sugiro tanto os artigos que estão sendo usados para construção deste texto quanto a literatura com a qual os pesquisadores embasaram os próprios artigos em amostra da aludida vastidão. Entretanto, a matéria (jornalística) de Felipe Carvalho (2019) pode servir de boa introdução.



Ou seja, estando em aberto a questão quanto às expressões “orientação” e “opção” – desde que entendidas em um contexto mais bem explicado – , só não parece compreensível que, de uma forma – “respeito quem é [...] Mas [...]” – ou de outra – “não aceito o modismo [...]” –, o que se manifesta é uma visão muito reduzida da sexualidade humana e com a qual o apresentador presta um terrível desserviço para a sociedade de maneira geral, uma vez que reforça – pelas vias e recursos apresentados – uma visão de preconceito.

Neste sentido, este texto visa, como mencionei, chamar a atenção tanto dos locutores presentes no programa do rádio quanto do veículo de comunicação no que toca à sua função social e, ainda, aos momentos informativos ou recreativos, em que a emissora precisa respeitar a sua finalidade educativa e cultural. (BRASIL, 1936)

Reitero minha intenção de que a iniciativa de os contatar sirva, de alguma forma, para provocar um alargamento na perspectiva com a qual se apresentam temas relativos à sexualidade humana nas transmissões de rádio. Ademais, por essa mesma via de alargamento, espero poder gerar nos locutores, administradores e demais envolvidos com a emissora, um maior senso de responsabilidade para tratar de questões sensíveis.

Neste ponto, considerando o exercício analítico realizado, cabe delimitar o episódio como não somente um preconceito *lato sensu*, pois já levantei elementos que permitem nomeá-lo como LGBTfobia. Esse tipo de discriminação é entendido em Ramos e Nicoli (2016) como um preconceito direcionado a pessoas lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros e a todas as demais caracterizações que a sigla LGBTQIA<sup>7</sup> tem abarcado com o desenvolvimento das lutas pelo reconhecimento das diversidades identitárias e das sexualidades.

LGBTfobia é o **sentimento, a convicção ou a atitude** dirigida contra lésbicas, gays, bissexuais, pessoas trans e travestis que **inferioriza, hostiliza, discrimina ou violenta** esses grupos em razão de sua sexualidade e/ou identidade de gênero. [...] Deste modo, a LGBTfobia compreende a lesbofobia, a homofobia, a bifobia e a transfobia. **A lesbofobia é a discriminação e violência contra mulheres lésbicas.** A homofobia é a discriminação e violência contra homens gays (ou homossexuais). A bifobia dirige-se contra homens e mulheres bissexuais e a transfobia contra pessoas trans e travestis. (RAMOS; NICOLI, 2016, p. 183, grifo nosso)

Por tudo isso, pensando a atitude dos locutores no episódio, entendo que, antes de emitir um juízo que pode influenciar muitos ouvintes, é válido que eles, assim como outros(as) profissionais, revisem a própria perspectiva e confrontem-na com outras visões de mundo que não devem ser diminuídas, desde que respeitem a integralidade humana, bem como direitos fundamentais, como o respeito à dignidade.

---

<sup>7</sup> A sigla é didaticamente explicada, contextualizada e ilustrada nos seguintes sites: <https://bit.ly/3LZ7Fue> e <https://bit.ly/3suXupx>.



Assim, caso julguem – locutores e emissora – necessária uma máxima para consulta antes do ato de fala, proponho um imperativo categórico de inspiração kantiana: o que direi pode ser dito por qualquer pessoa, em qualquer tempo e lugar, sem que isso gere uma desnecessária e gratuita ofensa a alguém? A sua dignidade? Porque, afinal de contas, apenas dizer a frase “eu não tenho preconceito”, envolta em todo esse contexto demonstradamente preconceituoso e disfarçado/velado pelo recurso do humor, não é outra coisa senão propagar este tipo sutil, porém muito perverso de discriminação LGBTfóbica.

Em tempo, enfatizo guardar a expectativa de que, diante do que foi apresentado, essa minha ação não seja simplesmente desconsiderada ou minimizada. Ficaria satisfeito em perceber que meu esforço explicativo chegou aos responsáveis pela rádio e pelo programa e que estes repensaram o fato, a fim de garantir que episódios semelhantes não sejam repetidos no veículo de comunicação.

#### 4 Últimas considerações

Finalmente, cabe relatar que, após o envio da parte central deste texto para o setor de comunicação da rádio, este havia se limitado, até o momento, a encaminhar o material para os setores de programação, administração e aos apresentadores envolvidos no episódio e, na oportunidade, agradecer o envio.

Por isso, entendo que este ensaio tenha conseguido alcançar, como proposto, a finalidade de apresentar diretamente aos envolvidos no episódio uma análise do impacto e significado de suas falas. Os argumentos aqui levantados oferecem à emissora de rádio e aos envolvidos uma perspectiva divergente daquela apresentada por meio do veículo de maneira “natural”. Ademais, esta escrita configura um exercício da paciência, muito necessário à provocação do contraditório e no trato com pessoas de mentalidade mais restrita.

Contudo, entendo que a paciência precisa observar um limite, pois a repetição de eventos pelos mesmos atores após o acesso a um material semelhante a este, no meu entender, é uma autoafirmação do preconceito LGBTfóbico. Por isso, não é demais frisar que já se encontra na legislação atual a tipificação deste crime – homofobia, na redação da lei – como um que equivale ao racismo. (STF, 2014) Por isso, aventa-se, em circunstâncias semelhantes, uma provocação ao Ministério Público – quando de fatos gerais – ou a outros órgãos de justiça – quando de fatos pessoais.

Por fim, compreendo e aceito quem venha a indicar a minha ação como demasiadamente branda, conciliadora ou congêneres. Fatos e argumentos para uma ação mais veemente não faltam. Ainda assim, guardo expectativa de provocar a mudança em muitas mentalidades pelo



caminho do ensino. Este texto foi um gesto neste sentido e que, compartilhado pela publicação acadêmica, está sujeito à necessária crítica, revisão e ampliação que seu caráter ensaístico não somente aceita, mas espera.

---

## Referências

ALMIRANTE, J. Homem vítima de homofobia por usar short curto diz não conseguir dormir. *Uol Notícias*, Salvador, 22 set. 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3vXr6hr>. Acesso em: 10 mai. 2022.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EMISSORAS DE RÁDIO E TELEVISÃO. *Rádio credibilidade, resultado e união nacional*. Brasília, DF: Abert, 2019. Disponível em: <https://bit.ly/3L74Ohr>. Acesso em: 29 set. 2020.

ASSOCIAÇÃO CATARINENSE DE EMISSORAS DE RÁDIO E TELEVISÃO. Ibope Media divulga infográfico que detalha o consumo de rádio no Brasil. *Acaert*, Florianópolis, 5 ago. 2015. Disponível em: <https://bit.ly/3N3PmUL>. Acesso em: 29 set. 2020.

BRASIL. Decreto nº 52.795, de 31 de outubro de 1963. Aprova o regulamento dos serviços de radiodifusão. *Diário Oficial da União*: seção 1, Brasília, DF, p. 1, 12 nov. 1963. Disponível em: <https://bit.ly/3FvTxGw>. Acesso em: 11 set. 2020.

CALABRE, L. *A era do rádio*. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

CARVALHO, F. Não parece, mas é homofobia: 20 frases que ofendem e devem ser abolidas. *Marie Claire*, Rio de Janeiro, 18 jun. 2019. Disponível em: <http://glo.bo/3PbQ18E>. Acesso em: 11 set. 2020.

GREG news | rebanho. [São Paulo: HBO Brasil], 2020. 1 vídeo (27 min). Publicado pelo canal HBO Brasil. Disponível em: <https://bit.ly/3N42yZP>. Acesso em: 12 set. 2020.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. População de Livramento de Nossa Senhora. *IBGE*, Rio de Janeiro, [2021]. Disponível em: <https://bit.ly/3M1s41R>. Acesso em: 10 mai. 2022.

IRIGARAY, H. A. R.; SARAIVA, L. A. S.; CARRIERI, A. P. Humor e discriminação por orientação sexual no ambiente organizacional. *Revista de Administração Contemporânea*, Maringá, v. 14, n. 5, p. 890-906, 2010.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. *Brasil sem homofobia*: programa de combate à violência e à discriminação contra GLTB e promoção da cidadania homossexual. Brasília, DF: Ministério da Saúde; Conselho Nacional de Combate à Discriminação, 2004. Disponível em: <https://bit.ly/3M3I2sl>. Acesso em: 11 set. 2020.

OLIVEIRA JÚNIOR, I. B.; MAIO, E. R. Opção ou orientação sexual: onde reside a homossexualidade? In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE



EDUCAÇÃO SEXUAL, 3., 2013, Maringá. *Anais* [...]. Maringá: UEM, 2013. p. 1-12. Disponível em: <https://bit.ly/3splYAO>. Acesso em: 11 set. 2020.

O DIA. Mulher ataca casal gay dentro de pet shop: ‘não é de Deus’. *O dia*, Rio de Janeiro, 29 set. 2020. Disponível em: <https://bit.ly/396ubmn>. Acesso em: 10 mai. 2022.

OLIVERA, S. V. *Rádiodifusão, a função social do Rádio no interior do Brasil: um estudo de caso da Rádio Senado Ondas Curtas*. 2008. Monografia (Graduação em Comunicação Social) – Centro Universitário de Brasília, Brasília, DF, 2008. Disponível em: <https://bit.ly/3FzeZKT>. Acesso em: 29 set. 2020.

PODER360. Ministro da Educação associa “homossexualismo” a “famílias desajustadas”. *Poder360*, Brasília, DF, 24 set. 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3yuQEV2>. Acesso em: 10 mai. 2022.

POMPEU, S. L. E.; SOUZA, E. M. A discriminação homofóbica por meio do humor: naturalização e manutenção da heteronormatividade no contexto organizacional. *Organizações & Sociedade*, Salvador, v. 26, n. 91, p. 645-664, 2019.

RAMOS, M. M.; NICOLI, P. A. G. O que é LGBTfobia? In: RAMOS, M. M.; NICOLI, P. A. G.; BRÊNER, P. R. G. (org.). *Gênero, sexualidade e direito: uma introdução*. Belo Horizonte: Initia Via, 2016. p. 183-192.

SCHWARCZ, L. Maiorias minorizadas: a democracia no Brasil como ‘mal-entendido’. *Nexo*, São Paulo, 7 set. 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3kXTJvr>. Acesso em: 12 set. 2020.

SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL. Ação Direta de Inconstitucionalidade por Omissão nº 26, de 19 de dezembro de 2013. Direito administrativo e outras matérias de direito público. *Diário da Justiça Eletrônico*, Brasília, DF, 2 jun. 2014. Disponível em: <https://bit.ly/3P5fwbL>. Acesso em: 12 set. 2020.

VEJA SÃO PAULO. Pastora Ana Paula Valadão culpa homens gays por aids. *Veja São Paulo*, São Paulo, 13 set. 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3M5xTeL>. Acesso em: 10 mai. 2022.

